

FACULDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – FJN
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA

TEOBALDO GABRIEL DE SOUZA JÚNIOR

**O EFEITO DE AULAS DIFERENCIADAS NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

FACULDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – FJN

TEOBALDO GABRIEL DE SOUZA JÚNIOR

**O EFEITO DE AULAS DIFERENCIADAS NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

TEOBALDO GABRIEL DE SOUZA JÚNIOR

**O EFEITO DE AULAS DIFERENCIADAS NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Especialista em Ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Ms. Lucíola da Silva Freitas

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

BANCA EXAMINADORA:

Examinador 01

Examinador 02

Examinador 03

Local e data

O EFEITO DE AULAS DIFERENCIADAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Teobaldo Gabriel de Souza Júnior ¹
Lucíola da Silva Freitas ²

RESUMO: O presente trabalho visa mostrar aos profissionais da educação, mais especificamente na disciplina de geografia, a importância e a eficiência de aprendizagem que aulas fora do contexto tradicional (professor diante da sala expondo assuntos) podem ocasionar. Tal artigo foi embasado através de pesquisas de referências bibliográficas, além de trabalho de campo e coleta de dados em escola pública, visando demonstrar a sua consistência, tendo em vista que nestes estabelecimentos de ensino no Brasil, existe uma enorme carência tanto por parte do alunado, que já vem deficiente de outros níveis de escolaridade, quanto por parte da própria estrutura física do ambiente escolar, o que ocorre na maior parte das escolas públicas brasileiras. Assim, ao se realizarem diversos trabalhos de docência, os discentes participantes puderam mostrar suas preferências em relação aos mais variados tipos de aulas que podem ser ministradas objetivando que as carências citadas sejam, de certa maneira, superadas ou dribladas e que o ensino possa fluir com a qualidade e o resultado esperado, contribuindo de forma direta com a sociedade ao formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel.

Palavras-chaves: Educação, Aulas Diferenciadas e Geografia.

ABSTRACT

This paper aims to show that educators, more specifically of discipline of geography, the importance and efficiency of learning outside the traditional context classes (teacher in front of the room exposing subjects) can cause. This article was based through research references, field work and data collection in a public school in order to demonstrate its consistency, given that these schools in Brazil, there is a great need by both the student body, which is already weak from other levels of schooling, and by the very structure of the physical school environment, what happens in most schools Brazilian public. Thus, when performing various jobs teaching, the students participants could show their preferences in relation to a range of lessons that can be given that the objective needs to be mentioned in some way, overcome or circumvented and that teaching to flow with the quality and outcome, contributing directly to society by forming critical citizens aware of their role.

Key Words: Education, Differentiated Lessons and Geography.

¹ Aluno do curso de Especialização em Ensino de Geografia

² Professora Mestre orientadora do curso de Especialização em Ensino de Geografia da Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN

INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado, complexo e predominantemente capitalista que vivemos a educação-instituição, que consiste na base forte de qualquer sociedade moderna, tem apresentado atualmente diversos problemas nas suas metodologias, principalmente no tocante ao processo de ensino-aprendizagem.

Essas novas barreiras do processo de ensino-aprendizagem podem ser atribuídas primordialmente ao eventual rompimento de paradigmas bastante arcaicos que até tempos atrás rodeavam a supracitada instituição. Rompimento esse provocado, sobretudo, pelo avanço acelerado da tecnologia, o que expõe a maioria arrasadora dos sujeitos a um fluxo muito grande de informações.

A priori pode-se considerar que, como o grande contingente populacional está sujeito à interferência dessa torrente de informações na formação de suas opiniões, entende-se que, igualmente grande parcela do público alvo da escola, isto é, os alunos – os quais estão inseridos nesse macro contingente – também estarão sujeitos aos estímulos desse meio e é justamente nesse ponto de confluência que se procurou fundamentar o presente artigo.

As informações oriundas dos diversos tipos de mídias das quais o alunado tem acesso (gibis, rádio, televisão, internet, etc.), bem como as diversas relações interpessoais que eles desenvolvem entre si, certamente se apresentam bem mais tentadoras e atrativas do que o próprio ambiente escolar, ou seja, o que se pretende colocar aqui é que se pudessem arbitrar entre estar em casa ou em qualquer outro local realizando qualquer outra atividade ou estar “trancafiado” na escola estudando, certamente grande quinhão dos discentes escolheria a primeira opção. Isso nada mais é do que um reflexo do panorama do que foi argumentado acima.

Para tanto, faz-se necessário que a figura do professor-educador procure utilizar-se das mais diversificadas estratégias a fim de que o ambiente escolar se transforme, aos olhos dos discentes, em um ambiente desafiador e tentador tal qual o mundo que se apresenta diante de seus olhos através das informações que lhes chegam pelas mais variadas vias.

Logo, entendemos aqui que a função do professor-educador seria não somente a de se valer da velha metodologia da aula arquitetada em cima dos livros

didáticos e sim, além dos livros, selecionar algumas dessas mídias, ou outros recursos que tenha ao seu dispor, de forma responsável e didática, para montar sua aula objetivando que esta, que para muitos aprendizes é chata e enfadonha, torne-se um momento eficiente – do ponto de vista educativo –, prazeroso, proveitoso e mágico – sob a ótica dos alunos –, o que certamente maximizaria a absorção do conhecimento por parte dos educandos e minimizaria a evasão escolar e os ruídos de aprendizagem ocasionados, por vezes, pelas próprias conversas paralelas, que em diversos momentos se tornam mais atrativas do que as aulas tradicionais: professor diante da sala expondo assuntos.

Para auxiliar no processo de construção e embasamento deste artigo, buscaram-se informações já publicadas sobre o assunto nas mais diversas fontes, além da realização de estudo de caso estatístico viabilizado por uma pesquisa de campo materializada através da aplicação de um questionário realizado com alunos de três salas distribuídas em um primeiro ano, um segundo ano e um terceiro ano do ensino médio da instituição pública de ensino: Escola de Ensino Médio Virgílio Távora, localizada na cidade de Barbalha–CE, dando ênfase à disciplina de geografia, tendo em vista que tal ciência é aqui principal objeto de estudo.

1 A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

Durante muito tempo em sua história, o ambiente escolar foi tido como o principal meio de obtenção de conhecimento, sendo a figura do professor a principal ferramenta e via para a compreensão dos saberes que eram repassados geração após geração através da publicação de livros. Com o advento das novas tecnologias produzidas pela humanidade, sobretudo as que representam sintomas da revolução técnico-científico informacional (SANTOS, 1994) ou terceira revolução industrial, esse panorama mudou bastante colocando a tríade escola-professor-conhecimento em uma realidade quase antagônica à que se apresentava em seus primórdios.

A “complexidade contemporânea remeteu o professor a um mundo que requer uma aventura, uma descoberta de produtos e meios diferenciados que a tecnologia proporcionou” (MORAES e CABRAL, 2011 p. 43), ou seja, lecionar não é tão simples como no passado e exige do profissional da educação muita dedicação e criatividade para atrair a atenção do alunado, para que esses não julguem a escola

como um local enfadonho e pouco atrativo que quase não irá contribuir para sua vida.

É nesse contexto que a geografia surge como, talvez, a disciplina mais flexível para a prática de metodologias diferenciadas de ensino-aprendizagem. Além de essa disciplina possuir como objeto de estudo “o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política” (LDB, 9394/96), ela ainda é completamente interdisciplinar tendo em vista que a mesma bebe da fonte de diversas outras ciências para se fundamentar e explicar suas teorias, não só as ciências “técnicas” como a Geologia, a Meteorologia e a Hidrologia, por exemplo.

Seguindo por essa ótica, podemos citar também como disciplinas/matérias afins da geografia: Letras (em seus textos), Matemática (em suas estatísticas), História (para se fundamentar no tempo), Sociologia (para compreender os movimentos sociais, culturais e políticos), Biologia (em seus textos ambientais ou mesmo quando se estuda a disseminação das diferentes espécies de animais e plantas no mundo), Física (para entender os fenômenos climáticos), Química (para entender composições de solos e rochas), além de várias outras inclusive a própria Filosofia (mãe e/ou berço de todas as ciências).

Assim, o ensino integrado das matérias citadas acima facilitaria muito a compreensão dos estudantes, uma vez que, articulando todas essas ciências/matérias, seria bem mais fácil para o alunado fixar os conhecimentos de ambas e entender melhor porque cada uma delas é estudada pela sociedade e porque esse conhecimento é reproduzido de geração em geração.

Enquanto saber, a geografia já era utilizada pela humanidade mesmo antes de ser instituída enquanto ciência lá na “Grécia antiga”. Esta disciplina tornou-se uma ciência autônoma a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos burgueses alemães Ritter, Humboldt e Ratzel e dos franceses Vidal de La Blache e Eliséé Reclus e é óbvio que no início de sua jornada, referida ciência não possuía as mesmas características e feições que possui atualmente justamente porque, como qualquer outro saber científico, passou por estágios evolutivos dentro da sua História (SILVA e RAMOS, 2008).

Conforme salientado anteriormente, a ciência geográfica passou por diversas correntes até chegar às vertentes constituintes do currículo atual do ensino fundamental, médio e, até mesmo, superior especialmente a Geografia Crítica, a Geografia Humanística e a Geografia Ambiental (OLIVEIRA, FARIAS e SÁ, 2008).

Dentro do âmbito do ensino básico/regular, que compreende os níveis de ensino fundamental e médio, cabe ao professor mostrar o que os assuntos abordados nessa “matéria” tem em comum com a realidade vivida pelo alunado, tornando-os conscientes e críticos, situando-os perante a sociedade como sujeitos atores de um mundo cada vez mais dinâmico.

1.1 O papel da Geografia Contemporânea

Pode-se dizer que o papel fundamental da geografia escolar contemporânea é a de conscientizar o aluno de que ele é um ser crítico capaz de provocar profundas transformações no meio que o cerca, isto é, referida disciplina tem a missão de

aproximar o estudante de uma compreensão do mundo atual, compreender a apropriação social e cidadã dos lugares, compreender a organização e os valores do espaço geográfico – construído historicamente. (SILVA, 2010 p. 9)

Talvez hoje o grande desafio do professor dessa disciplina seja o de descobrir como chamar a atenção dos discentes para que eles tenham essa percepção e possam contribuir de uma forma mais concreta com a sociedade, afinal esse também seria o papel fundamental e principal missão da instituição escolar.

Como já citado, sabe-se que o conhecimento geográfico possui uma história milenar que remonta a antiguidade clássica confundindo-se com a própria história da humanidade, e que para chegar ao patamar em que se encontra na atualidade sua visão bem como seus objetos de estudo aprimoraram-se vertiginosamente, logo, ao passo que se evoluía sistematicamente a ciência, esta deixava de ser uma matéria mnemônica detida no estudo de mapas e bandeiras para passar a ser um conhecimento rebuscado e contextualizado que explicaria de forma crítica e racional o meio em que vivemos e as transformações ocasionadas pelo ser humano onde se passa a compreender que

a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (SANTOS, 2006 p. 16)

Diante do exposto, sabemos que a técnica humana evoluiu a um patamar de tão alto nível que nos encontramos em plena terceira revolução industrial, também conhecida – conforme Milton Santos – por revolução técnico-científica informacional, a qual é marcada pelo uso da alta tecnologia, de uma globalização cada vez mais acelerada, de um planeta marcado pela invenção e utilização da computação, da internet, da robótica, da biotecnologia e da nanotecnologia entre outros, o que acaba pondo diante dos discentes um mundo que se torna a cada dia mais acelerado, dinâmico, intenso e mutável, e que, por conseqüência, vai ensejar do profissional da educação uma *práxis* cada vez mais diferenciada pautada nas bases de uma inovação constante espelhada na realidade contemporânea vivida cotidianamente.

2 UMA NOVA PEDAGOGIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

No contexto atual o ambiente escolar se transforma em um local altamente desafiador, seja pela precariedade da estrutura física de onde se leciona – realidade que impera na maior parte das escolas públicas brasileiras –, seja pela série de razões “evolutivo-tecnológicas” nas quais a humanidade se encontra e que já foram comentados anteriormente. Assim, a sala de aula

aparece cada vez menos como meio privilegiado de aquisição de conhecimentos, seja de qual área for. Disso resulta para o aluno uma espécie de distorção, na medida que a escola não satisfaz as curiosidades nascidas na rua, em casa ou nos livros. O professor acha-se cada vez mais incapacitado para satisfazer as legítimas curiosidades dos seus alunos. Surge então a importância de recursos didáticos que prendam a atenção dos educandos, deixando a aula dinâmica e participativa, para que eles se interessem pelo assunto trabalhado e o auxiliem nas suas curiosidades. Assim, o professor tem que buscar recursos que visem a realidade do aluno. A música e a televisão aliadas aos documentários e slides, podem refletir e tirar dúvidas do cotidiano. Esses recursos didáticos tornam as aulas mais dinâmicas e menos monótonas, sendo mais um suporte para o educador em suas aulas, quando busca prender mais a atenção do aluno. (BASTOS, 2011 p. 45)

Logo, essa nova metodologia e o emprego dos diversos recursos aliados às aulas de campo são de suma importância e acabam por maximizar a eficiência do trabalho docente, já que estas terminam por estreitar as relações do tripé professor-aluno-realidade vivida, porém, para refletir melhor a cerca da prática e da utilização

desses diversificados materiais dos quais professores e alunos tem acesso é que se realizou um trabalho/estudo de caso a fim de avaliar o quanto os aprendizes sabem da importância da Geografia em suas vidas e o quanto julgam que aulas “diferenciadas” podem ajudá-los a compreender os assuntos abordados em sala e a sua própria realidade vivida.

2.1 Estudo de Caso e os seus Resultados

O local escolhido para realização do estudo foi a Escola de Ensino Médio Virgílio Távora a qual se encontra localizada na Av. Dr. Paulo Maurício Sampaio, 326, Bairro Vila Santo Antônio na cidade de Barbalha-CE. Referido colégio pertence à rede estadual de ensino público do Ceará, estando vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e sob a supervisão da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (19ª CREDE).

No supracitado estabelecimento público de ensino foram realizadas entre os anos de 2010, 2011 e início do ano letivo de 2012 diversas aulas de geografia que se utilizaram de práticas desde as mais tradicionais até aquelas tidas como diferenciadas, as quais podem ser citadas: aulas de campo, aulas utilizando recursos áudio-visuais como músicas e filmes, dinâmicas e recursos multimídia (internet e *data-show*). Assim pôde-se aplicar um questionário voltado para turmas que já tem vivência e conhecimento das aulas usuais e das aulas com “inovações”.

As turmas selecionadas para a aplicação da avaliação do estudo de caso estão regularmente matriculadas no ano letivo de 2012 no turno matutino nas turmas 1º “A”, 2º “A” e 3º “A”, sendo participantes do questionário, respectivamente 41, 31 e 34 alunos, perfazendo um total global de 106 discentes que auxiliaram na pesquisa. Dentre os quesitos avaliados estão perguntas referentes ao gosto pela disciplina de geografia, a facilidade de se aprender referida matéria, o quanto aulas diferenciadas ajudam na aprendizagem, quais os recursos que mais auxiliam na aprendizagem – os quais vão desde a aplicação de aulas tradicionais, passando pela música, vídeos, aulas de campo, etc. –, se a disciplina é importante e como ela pode auxiliar os discentes a mudarem sua condição social e a maneira de conceber o mundo.

No primeiro quesito, se o aluno gosta da disciplina, obteve-se o seguinte resultado de acordo com a demonstração da Figura 01.

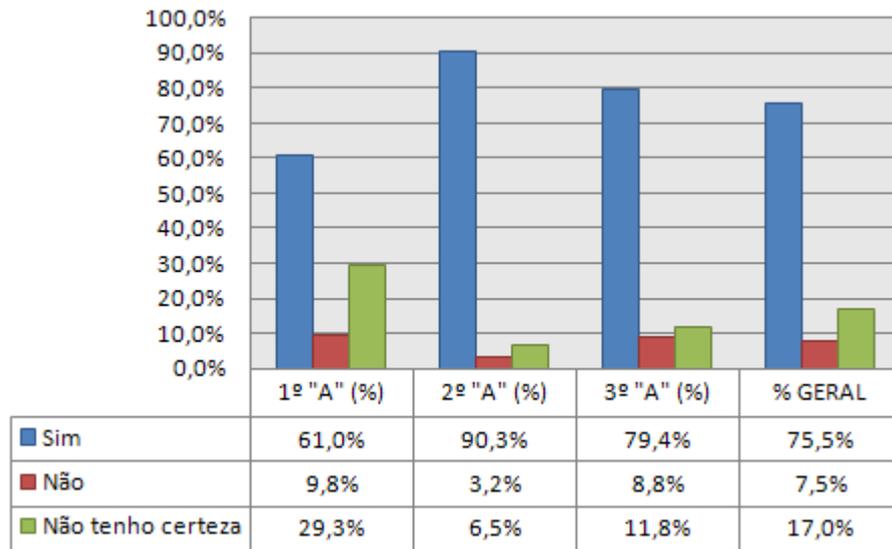


Figura 01 – Você gosta de geografia?

Conforme os dados apresentados na Figura 01 pode-se inferir que, de uma maneira geral, o alunado tem uma preferência favorável à matéria já que 75,5% confirmam que tem alguma afinidade com a disciplina, 7,5% não gostam e 17,0% não tem certeza se gostam. Dentro do mesmo quesito, quando analisamos separadamente os resultados obtidos por série de ensino, percebe-se que o dado mais alarmante é o do 1º “A”, tendo em vista que nele encontram-se o maior número de alunos que não gostam da disciplina (9,8%) ou que não tem certeza se gostam (29,3%). Acredita-se que uma boa parte desse resultado obtido no 1º “A” se deve a pouca maturidade dos alunos, uma vez que, no período de aplicação do questionário – maio de 2012 – estes eram recém chegados do ensino fundamental.

Ainda sobre o quesito da preferência da disciplina de geografia, é importante lembrar que o público alvo que vem do ensino fundamental, na maioria dos casos é oriundo de escolas públicas que são regidas pelos municípios e que, em grande parte, apresentam estruturas defasadas, com professores mal preparados e mal remunerados o que acaba criando certa aversão do corpo discente, principalmente em relação às ciências humanas, na qual a geografia se encontra.

Quando questionados sobre a facilidade de aprender a disciplina de geografia os resultados percebidos foram os seguintes: 64,2% dos 106 alunos questionados responderam que tem certa facilidade de assimilar os conteúdos ministrados em geografia, os valores gerais dos alunos que não tem tanta facilidade assim e o dos que não tem certeza são alarmantes, pois estes tem os valores respectivos de 16%

e 19,8% o que perfaz uma soma total de 35,8% e que, em números absolutos, apresenta um total de 38 alunos.

Ao compararmos o resultado geral com os valores percebidos nas séries separadamente, vê-se que novamente o 1º “A” sobressai na média total de alunos que ou não tem facilidade de aprender a disciplina (26,8%) ou que não tem certeza (19,5%) o que, juntos, apresentam o montante de 46,3%, logo, bem acima da média geral que é de 16,0% nos que não tem facilidade de aprender geografia e de 19,8% nos que não tem certeza, o qual mesmo sendo maior do que o dado dos incertos no 1º “A” apresenta, juntamente com o anterior, uma soma de 35,8%. Os dados obtidos nesse ponto da pesquisa estão representados conforme a Figura 02.

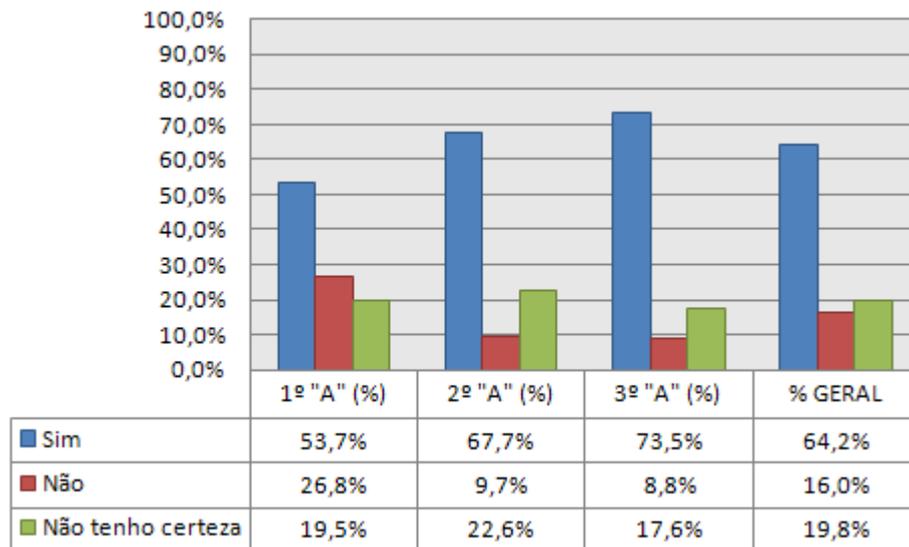


Figura 02 – Tem facilidade de aprender geografia?

Já ao se avaliar se aulas diferenciadas, isto é, se aulas que se utilizam dos mais variados recursos didáticos, auxiliam no processo de ensino-aprendizagem os resultados obtidos foram bastante satisfatórios sendo importante salientar bem os dados obtidos nesse quesito, tendo em vista que, de uma maneira geral, a maioria arrasadora dos alunos acredita que aulas diferentes podem auxiliar no processo de absorção e retenção do conhecimento.

Na média total apresentada na Figura 03, 96,2% dos 106 alunos manifestaram que aulas diferenciadas auxiliam na sua aprendizagem, somente 3,8% não tem certeza e nenhum, de todos os entrevistados nas três turmas, respondeu que aulas diferenciadas não podem ajudar na aprendizagem de geografia.

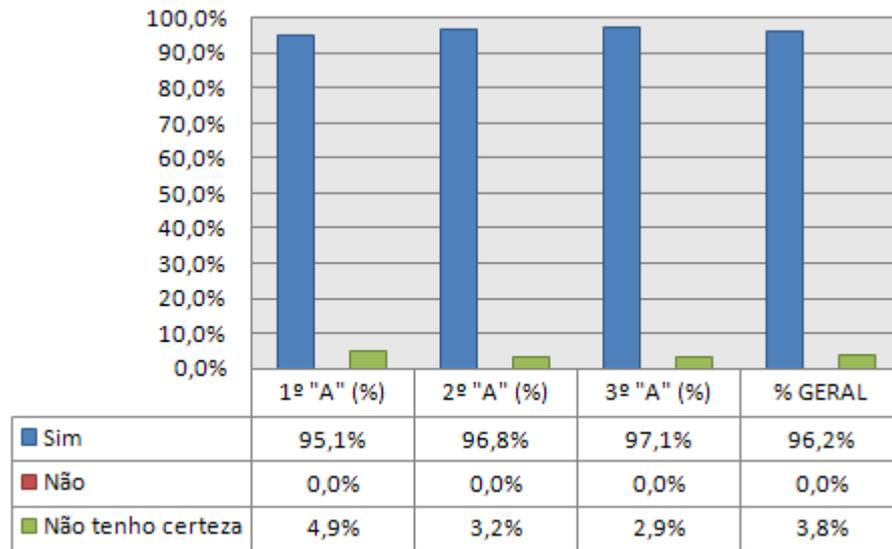


Figura 03 – Aulas diferenciadas ajudam na aprendizagem?

O próximo passo da pesquisa foi sondar do alunado quais as ferramentas e/ou modelos de aulas que os mesmos mais acreditam serem eficazes no processo de aprendizagem da geografia. Para colher esta informação a metodologia escolhida foi a seguinte: no quesito “qual dos modelos de aula listados abaixo você acha que mais o auxiliariam no processo de aprendizagem?” existiam sete modelos pré-definidos de escolhas e um em branco onde o aluno poderia discorrer sobre algum ponto que, porventura, não tivesse sido contemplado.

Neste ponto do questionário deveriam ser escolhidas exatamente três alternativas por cada aluno entre as quais se colocou as opções: aula usual ou tradicional (com professor na frente da sala ministrando aula com pincel e quadro e alunos participando passivamente, ou seja, apenas como ouvintes), aula com professor utilizando *data-show* e recursos multimídia, aula com os mesmos recursos anteriores, porém, contando com a participação ativa dos alunos, trabalhos de equipe, apresentações dos alunos, debates, etc., utilização de músicas, uso de filmes e documentários, aula fora do ambiente escolar e outros (item que deveria ser necessariamente exemplificado pelo aluno).

Como, cada discente deveria marcar obrigatoriamente três quesitos e sendo um total de 106 alunos questionados, a metodologia estatística para se calcular os percentuais de cada resposta foi montada a partir de 318 opções possíveis, o que representa exatamente três vezes o total de respostas que poderiam aparecer, assim, os resultados obtidos estão descritos conforme a Figura 04.

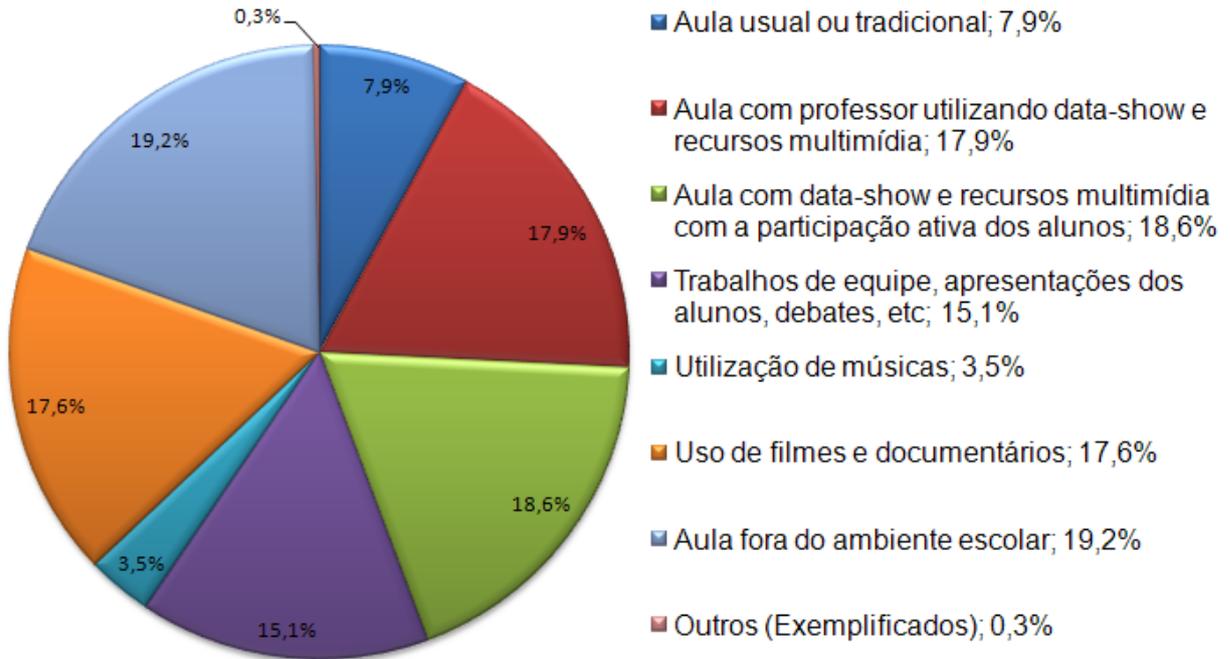


Figura 04 – Quais os tipos de aula que mais auxiliam na aprendizagem?

A Figura 04 revela algumas informações valiosas a cerca da preferência dos alunos em relação aos tipos de aulas ministrados. Com relação aos valores obtidos podemos inferir, por exemplo, que boa parte dos alunos reconhece a importância das aulas tradicionais, pois, das escolhas possíveis 7,9% acreditam que as aulas tradicionais também são importantes no repasse do que se deseja que seja aprendido. Ressalta-se também que as possibilidades que mais figuraram entre as possíveis respostas dos alunos foram: aulas fora do ambiente escolar, aulas com *data-show* e recursos multimídia com a participação ativa dos alunos e aulas com professor utilizando *data-show* e recursos multimídia figurando com, respectivamente, 19,2%, 18,6% e 17,9% das respostas possíveis.

Em relação à resposta “outros” apenas um aluno se manifestou colocando que deveriam existir mais “excursões”, colocação que, acredita-se, já estar incluída na opção “aula fora do ambiente escolar”, porém, como o quesito era de livre interpretação, acatou-se a resposta e incluiu-se a mesma no ranking para que fosse construído a Figura 04.

Seguindo-se na análise das respostas obtidas através de pesquisa junto aos alunos, vem o quesito “você acha a disciplina de geografia importante?”. Além das respostas objetivas para se montar a Figura 05 demonstrativa dos dados, também foi sugerido aos discentes que eles colocassem o porquê de acharem ou não a

disciplina de geografia importante. Com relação às respostas objetivas desse quesito o resultado obtido está descrito conforme a Figura 05.

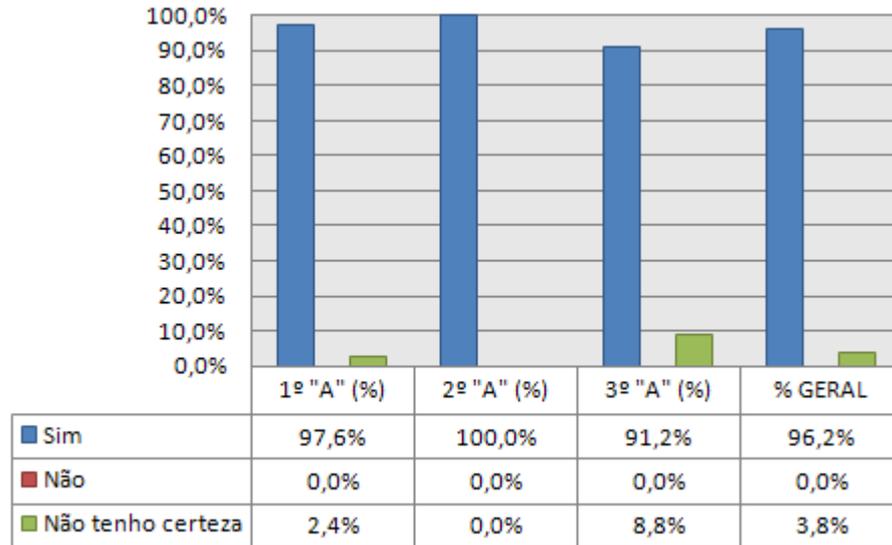


Figura 05 – Geografia é importante?

Conforme ilustrado acima, mais um dado importante é revelado, pois, observa-se na Figura 05 que novamente, 96,2% dos discentes entrevistados acreditam que o ensino de geografia é importante. Nenhum acredita que a geografia não tem importância e apenas 3,8% não tem certeza da importância desta disciplina. É interessante olharmos para o resultado isolado de 2º ano, onde 100% dos alunos acreditam na importância desta disciplina.

Como já falado, neste mesmo quesito, havia uma parte em branco a fim de que os alunos discorressem sobre o seu entendimento da importância do conhecimento geográfico. A grande maioria destacou principalmente um caráter mais funcional da mesma como uma matéria cobrada no vestibular e, por consequência, essencial para a aprovação neste teste, porém, por entre as respostas encontram-se, também, algumas colocações interessantes como é a ciência que “estuda o espaço em que vivemos”, “nos mostra como é o mundo em que vivemos” e é uma disciplina que nos dá “uma visão crítica sobre certos assuntos”.

O último quesito da pesquisa versa sobre os alunos acreditarem que os conhecimentos adquiridos na disciplina de geografia podem auxiliá-los na mudança de sua realidade, ou seja, ajudá-los a mudar de vida. Além das respostas objetivas

foram colocados também espaços em branco para que os alunos colocassem suas opiniões. Os resultados obtidos estão descritos conforme a Figura 06.

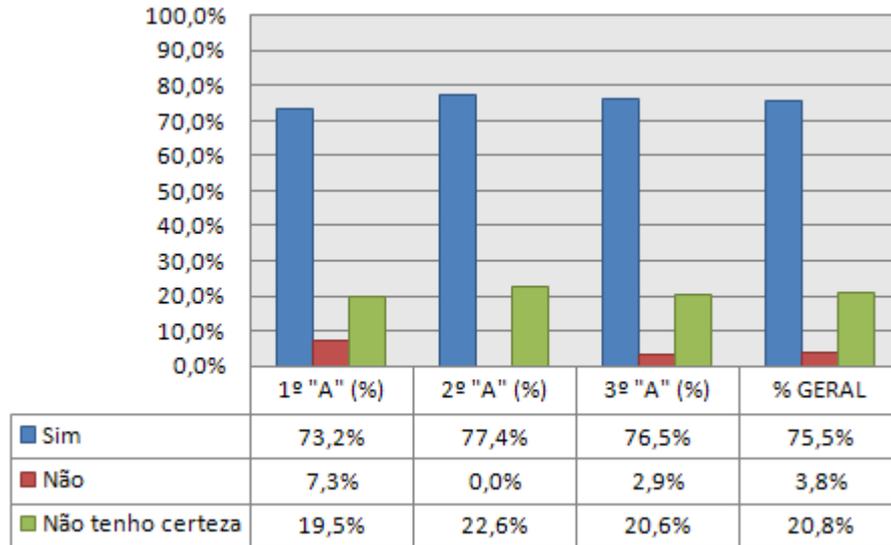


Figura 06 – A geografia pode mudar a sua vida?

Neste quesito, de uma maneira geral 75,5% dos participantes da pesquisa acreditam que, de alguma forma, o ensino de geografia pode fazê-los mudar de vida, ou progredir de alguma maneira, 3,8% acreditam que não e 20,8% não tem certeza. Assim como no quesito anterior, esse último também apresentava pautas em branco para que os alunos que assim quisessem, pudessem justificar suas respostas. Todos os que responderam que “não” ou que “não tem certeza” não apresentaram justificativas, já entre os que manifestaram suas opiniões a preocupação com o vestibular novamente esteve em alta, contudo figuraram entre as repostas algumas colocações interessantes como o que se aprende com a geografia pode ajudar a “formar melhor as nossas próprias opiniões e compreender melhor o espaço e o sistema em que vivemos”, que a disciplina muda a “maneira de pensar e ver o mundo” e que ela “nos torna mais críticos para [enfrentar] a nossa vida cotidiana”.

3 COMPARAÇÃO DA PESQUISA E SEUS DADOS COM ESTUDOS SIMILARES

É notável a preocupação dos docentes atualmente em fazer com que suas aulas tenham um rendimento elevado, sobretudo aqueles que realmente almejam

dar a sua contribuição efetiva para com a sociedade formando cidadãos críticos e atuantes. Certamente a presente pesquisa não é inédita no campo do estudo do ensino de geografia, porém buscou-se com a mesma diagnosticar da forma mais direta possível a maneira com que os discentes concebem a disciplina, o ensino e o saber geográfico e como estes acreditam que podem melhorar seus rendimentos e a sua própria cidadania.

Como já colocado, é de conhecimento comum que a sociedade encontra-se em um elevado patamar tecnológico e que essa tecnologia, inserida no cotidiano da população, representa um desafio para que os docentes possam intercalá-los com seus métodos de sala de aula. Essas tecnologias que vão desde as mais simples como a televisão que “hoje é considerada o principal meio de comunicação de massa, porque é ela quem atinge a maior quantidade de público e também quem mais o influencia” (BASTOS, 2011 p. 47) até as mais sofisticadas como o *GPS* (sigla do inglês *Global Positioning System* que designa o Sistema de Posicionamento Global em sua tradução para o português), o qual, conforme Hoffmann e Raffo (2011 p. 13), deve estar “em pouco tempo [...] incorporado aos materiais didáticos do professor de geografia, assim como o mapa e o globo terrestre”.

Muitas são as propostas de outros pesquisadores que incentivam o uso das informações e notícias apresentadas na televisão e/ou críticas e estudos sobre músicas e produções cinematográficas (BASTOS, 2011), utilização de *softwares* como o *Google Earth* na produção de mapas e na localização dos lugares vivenciados pelo alunado para que estes aprendam conceitos e a importância da cartografia (NASCIMENTO JÚNIOR, 2011), utilização do próprio *GPS* em atividades lúdicas como “rouba bandeiras” ou “caça ao tesouro” onde, “brincando”, os alunos podem aprender sobre coordenadas geográficas (TUPY, 2011) e, até mesmo, nas escolas mais desprovidas de recursos financeiros, a própria confecção de materiais didáticos complementares que podem auxiliar no processo ensino-aprendizagem como maquetes e globos terrestres (ANTONIO FILHO, 2010).

A respeito do uso das chamadas geotecnologias como o já citado *GPS*, o *Google Earth*, o *GIS* (*Geographical Information System*) e seus similares, Correa, Fernandes e Paini (2010) realizaram uma pesquisa com 46 alunos distribuídos entre escolas públicas e privadas da cidade de Maringá-PR a cerca do conhecimento e da utilização destas ferramentas. A pesquisa revelou que 100% dos alunos entrevistados conhecem o *Google Earth*, no entanto um percentual de apenas

10,8% sabem o que é ou fazem uso das geotecnologias em sala de aula, o que evidencia que poucos professores se utilizam deste tipo de ferramentas em suas aulas. Além disso, ficou evidenciado na pesquisa supracitada que nenhum dos alunos faz uso do *GPS* ou de *GIS*.

Também na mesma linhagem de pesquisa sobre diversas ferramentas e táticas para ampliar a eficácia do processo ensino-aprendizagem de geografia, Peixoto e Cruz (2011) realizaram pesquisa com 91 estudantes do 3º ano do ensino médio distribuídos entre Escolas públicas, uma de Ensino Regular e outra na modalidade EJAM (Escola de Educação de Jovens e Adultos), localizados na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, tentando evidenciar a importância da leitura e da interpretação de gráficos na disciplina de geografia, bem como apontando as carências de leituras e de interpretações que os discentes apresentam quando se deparam com esse tipo de ferramenta, que é indispensável para o conhecer do mundo atual.

Pode-se também destacar o trabalho de Cavalcante e Farias (2010), onde é discutido o aspecto da importância das novas tecnologias no ensino de geografia, sobretudo quando há a necessidade de se *linkar* os conhecimentos globais com os conhecimentos locais. Nesse trabalho os autores discutem como a geografia que é muitas vezes reproduzida na sala de aula – de forma quase sempre arcaica e desconexa – pode ser transformada aos olhos dos discentes quando os mais variados meios de comunicação e as tecnologias “novas” (computador e internet) e “velhas” (aparelhos de som, televisão, etc.) podem ser utilizadas para explicar o que os conteúdos abordados nos livros didáticos tem em comum com a realidade vivida pelo alunado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação nem sempre é uma tarefa fácil, exige muita criatividade e dinamismo de qualquer profissional em qualquer campo de trabalho. Obviamente não seria diferente o caso do profissional da educação, sobretudo porque este tipo de trabalhador lida diretamente com a mais fascinante das matérias existentes: a mente humana. É justamente por isto que a presente pesquisa buscou, de certa forma, nortear o trabalho dos professores, especificamente os de geografia, essa

disciplina tão complexa e grandiosa, para que estes entendam como o alunado concebe esta ciência, para que, a partir daí as aulas sejam planejadas com a função de educar e de fazer com que seja despertada na sala de aula a noção de cidadania plena.

Diante do panorama aqui refletido, coloca-se que tal trabalho não pretende ter um fim em si mesmo, mas procurou-se ter a função de elucidar quais as táticas de ensino que podem surtir os maiores efeitos possíveis de acordo com o próprio ângulo de visão dos aprendizes, os quais foram instruídos a responderem com a maior seriedade e franqueza possível. É evidente que os múltiplos enfoques apresentados sobre o mesmo tema demonstram a sua complexidade e o interesse de diversos professores-pesquisadores em atingir o alvo principal: maior rendimento da aprendizagem para que os alunos possam transformar sua maneira de conceber e construir a realidade vivida e, por consequência, o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO FILHO, F. D. Geografia na prática: técnicas para a produção de material de ensino. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 33, p. 36-43, 2010.

BASTOS, A. P. Recursos didáticos e sua importância para as aulas de geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 37, p. 44-51, 2011.

BRASIL. Lei Federal nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acessado em: 16 mai. 2012.

CAVALCANTE, T. V.; FARIAS, J. F. Do local ao global: a utilização de tecnologias como ferramentas mediadoras do processo de aprendizagem na Geografia. **Revista Espaço Acadêmico**, n.109, p.89-94, 2010.

CORREA, M. G. G.; FERNANDES, R. R.; PAINI, L. D. Os avanços tecnológicos na educação: o uso das geotecnologias no ensino de geografia, os desafios e a realidade escolar. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, PR, v.32, n.1, p. 91-96, 2010.

HOFFMANN, M.; RAFFO, J. GPS e sua importância nas atividades da geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 35, p. 10-13, 2011.

MORAES, I. I. G.; CABRAL, D. T. da S. Geoconexão: práticas educativas contemporâneas pautadas pela tecnologia, em consonância com o conhecimento construtivo, ético e social, são aliados do ensino da geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 35, p. 42-47, 2011.

NASCIMENTO JÚNIOR, A. A ciência dos lugares decifrada pelo Google Earth. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 37, p. 52-59, 2011.

OLIVEIRA, M. M.; FARIAS, P. S. C.; SÁ, A. J. O meio ambiente na geografia crítica e na geografia humanística: desafios metodológicos para uma didática reflexiva do espaço na escola. **Revista de Geografia**. Recife, PE: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 3, set/dez. 2008

PEIXOTO, A. M. D.; CRUZ, E. O desafio do trabalho com gráficos no processo ensino-aprendizagem de geografia. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 13, n. 3, p. 127-168, 2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção** – 4. ed. 2. reimpr. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 2006. 259 p. (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo, SP: Hucitec. 1994. 190 p.

SILVA, J. M. **Didática Aplicada à Geografia**. Brasília: CESPE/UnB, 2010. Curso de formação para professores, referente à 3ª fase do concurso da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE).

SILVA, N. J. C.; RAMOS, Q. F. A. Breve histórico da evolução do pensamento geográfico. **O imparcial**, p. 4, caderno de opinião, São Luís, MA, 25 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/breve-historico-da-evolucao-do-pensamento-geografico/49089/>> Acessado em: 27 mai. 2012.

TUPY, F. Atividades lúdicas com o uso do GPS. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, Escala Educacional, n. 35, p. 14-15, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Dados gerais da pesquisa de campo

Foram aplicados os questionários em alunos com faixa etária entre 14 e 18 anos, matriculados na Escola de Ensino Médio Virgílio Távora, que é locada na cidade de Barbalha - CE, a qual pertence à rede estadual de ensino da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE), estando sob a supervisão da 19ª Coordenadoria de Desenvolvimento da Educação (19ª CREDE).

Referido estabelecimento de ensino está sob a direção geral do Sr. Romero Parente Teixeira e coordenação do Sr. Carlos Alberto Pereira e da Sra. Maria Teresa Quesado, estando inscrito no INEP sob número 23162350, e CNPJ 00.319.801/0015-10 sendo seu endereço: Av. Dr. Paulo Maurício Sampaio, Nº 326, Vila Santo Antônio, cidade de Barbalha-CE, CEP 63180000, telefone para contato (88) 3102 1141 e email oficial: virgiliotavora@virgiliotavora.seduc.ce.gov.br.

O colégio supracitado funciona os três turnos (matutino, vespertino e noturno), conta com um contingente de aproximadamente 800 alunos e dispõe, em sua estrutura física de: 08 (oito) salas de aula, 02 (dois) laboratórios de informática, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) academia, além de almoxarifado, sala de professores, coordenadores, diretoria, secretaria, cozinha, banheiro de alunos, professores e funcionários e diversos equipamentos como sons, televisões e datashow.

As turmas e a distribuição de alunos onde se aplicou o questionário estão descritos conforme a Tabela 01:

Tabela 01 – Quantidade de alunos por série

SÉRIE	Nº TOTAL	RELAÇÃO %
1º "A"	41	38,7%
2º "A"	31	29,2%
3º "A"	34	32,1%
<u>GERAL</u>	<u>106</u>	<u>100%</u>

Todas as turmas que foram submetidas às perguntas são do turno matutino e a realização da pesquisa se deu em 3 de maio de 2012 em turmas que já tem experiências com aulas diversificadas.

APÊNDICE B – Resultados gerais tabulados da pesquisa com os alunos

1ª) Você gosta da disciplina de geografia?

resposta/turma	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a) Sim	25	61%	28	90,3%	27	79%	75%	80
b) Não	4	10%	1	3,2%	3	9%	8%	8
c) Inscr.	12	29%	2	6,5%	4	12%	17%	18
TOTAL	41	100%	31	100%	34	100%	100%	106

2ª) Você tem facilidade para aprender os assuntos abordados na disciplina de geografia?

resposta/turma	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a) Sim	22	53,7%	21	67,7%	25	73,53%	64%	68
b) Não	11	26,8%	3	9,7%	3	8,82%	16%	17
c) Inscr.	8	19,5%	7	22,6%	6	17,65%	20%	21
TOTAL	41	100%	31	100%	34	100%	100%	106

3ª) Você acha que aulas diferenciadas são capazes de aumentar seu rendimento na disciplina de geografia, ou seja, com aulas diferenciadas você acha que aprende mais?

resposta/turma	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a) Sim	39	95%	30	97%	33	97%	96%	102
b) Não	0	0%	0	0%	0	0%	0%	0
c) Inscr.	2	5%	1	3%	1	3%	4%	4
TOTAL	41	100%	31	100%	34	100%	100%	106

4ª) Qual dos modelos de aula listados abaixo você acha que mais o auxiliariam no processo de aprendizagem? (cada aluno irá escolher necessariamente três alternativas)

turma/resposta	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a)*	6	4,88%	11	11,8%	8	7,8%	7,9%	25
b)*	27	21,95%	15	16,1%	15	14,7%	17,9%	57
c)*	23	18,70%	16	17,2%	20	19,6%	18,6%	59
d)*	16	13,01%	14	15,1%	18	17,6%	15,1%	48
e)*	8	6,50%	1	1,1%	2	2,0%	3,5%	11
f)*	20	16,26%	19	20,4%	17	16,7%	17,6%	56
g)*	23	18,70%	17	18,3%	21	20,6%	19,2%	61
h)*	0	0,00%	0	0,0%	1	1,0%	0,3%	1
TOTAL	123	100%	93	100%	102	100%	100%	318

5ª) Você acha a disciplina de geografia importante?

resposta/turma	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a) Sim	40	98%	31	100%	31	91%	96%	102
b) Não	0	0%	0	0%	0	0%	0%	0
c) Inscr.	1	2%	0	0%	3	9%	4%	4
TOTAL	41	100%	31	100%	34	100%	100%	106

6ª) Você acredita que os conhecimentos adquiridos na disciplina de geografia podem auxiliá-lo a mudar sua realidade, ou seja, podem ajudá-lo a mudar de vida?

resposta/turma	1º "A"	%	2º "A"	%	3º "A"	%	% GERAL	Número
a) Sim	30	73%	24	77%	26	76%	75%	80
b) Não	3	7%	0	0%	1	3%	4%	4
c) Inscr.	8	20%	7	23%	7	21%	21%	22
TOTAL	41	100%	31	100%	34	100%	100%	106

* a) Aula usual ou tradicional; b) Aula com professor utilizando data-show e recursos multimídia; c) Aula com data-show e recursos multimídia com a participação ativa dos alunos; d) Trabalhos de equipe, apresentações dos alunos, debates, etc; e) Utilização de músicas; f) Uso de filmes e documentários; g) Aula fora do ambiente escolar; h) Outro (exemplificar).

APÊNDICE C – Registros fotográficos de aulas diferenciadas



Observação de maquete da Chapada do Araripe – CE



Observação de fósseis em Santana do Cariri – CE



Observação *in loco* da Chapada do Araripe – CE



Observação de fósseis em Santana do Cariri – CE



Dinâmica de grupo em sala de aula



Trilha ecológica na chapada do Araripe – CE



Aula no laboratório de informática



Palestra no laboratório de informática